

O que pode fazer a diferença entre intelectuais? (Dedicado a Celso Pereira de Sá)

Ricardo Vieiralves de Castro¹

Há aqueles que tratam o conhecimento derivado da reflexão científica de maneira dogmática, quase como uma religião, e por isto, arraigados em suas posições, creem que há teleologia, ou teologia, na ciência.

Há outros, inquietos com a complexidade dos fenômenos, dos objetos e da própria condição refutável do conhecimento científico que dedicam uma vida para o ensino e a pesquisa e consideram que há que continuar desbravando, refletindo e produzindo.

Celso Pereira de Sá foi um destes intelectuais inquietos (em contraste com seu desejo de calmarias).

Fui, e creio que ainda sou, seu aluno desde os anos 70 do século passado. Celso, behaviorista, havia recém-publicado sua dissertação de mestrado sobre o contracontrole social. Na Uerj de então, e principalmente naquele momento nas Universidades brasileiras, a titulação acadêmica não era fato corriqueiro.

Sendo seu aluno na disciplina de Psicologia Social tivemos a possibilidade, entre vários textos ofertados, de ler, comentar e estudar sua dissertação de mestrado. Escolhi este texto.

Naquele momento o Brasil ainda sob ditadura militar experimentava novos acontecimentos que alimentavam esperanças do fim do regime: as grandes greves operárias do ABC, a campanha pela Anistia ampla, geral e irrestrita, a expectativa de retorno dos exilados, o retorno do movimento estudantil livre e independente, a reconstrução da União Nacional dos Estudantes. Estava, de um modo ou outro, engajado em todos estes movimentos.

Na psicologia havia um discurso de que as diversas teorias tinham comprometimento ideológico a direita ou a esquerda. Se há sentido nisto, de que não há como o conhecimento produzido “escapar” das ideologias, o tempo era de radicalidade.

Ao behaviorismo foi atribuída a condição de direita pelas retóricas estudantis, com argumentação de sua prevalência nos Estados Unidos, da ênfase no controle do comportamento e nas possibilidades de intervenção no *modus vivendis* das pessoas. Não sei bem por que escolhi este texto, talvez pela possibilidade de ler um autor com quem convivia (raro entre estudantes) ou porque queria saber o que o professor pensava. O fato é que escolhi a dissertação de Celso e iniciei sua leitura com o juízo já estabelecido antes das primeiras palavras lidas. Surpreendi-me na leitura em primeiro lugar pelo texto apazível, Celso sempre teve uma redação maravilhosa e que entusiasmava o leitor a segui-lo. Depois, concordando com algumas de suas posições e curioso com a associação que promovia entre o behaviorismo radical e Karl Mannheim, de pensamento vinculado as teorias sociológicas de Weber, Marx e do racionalismo alemão.

¹ Doutor em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro; Professor Associado da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e Coordenador do Laboratório de Estudos Contemporâneos da UERJ (LABORE) – Rio de Janeiro, RJ, Brasil. E-mail: ricardo.vieiralves@gmail.com.

Celso promovia um diálogo inteligente entre posições distintas, as aproximava, as distanciava e as relacionava. Escrevi um texto para avaliação composto de contradições insolúveis: por um lado criticava o behaviorismo, seguindo a retórica estudantil; e por outro lado cedia ao bom texto de Celso, as suas articulações teóricas e sua ousadia intelectual, que manteve durante toda a sua vida. Ao final do trabalho, cansado de minhas próprias contradições escritas naquele texto, cito uma parte do texto de Celso, onde fazia afirmações e terminei com uma interrogação “Será?”

No dia da entrega dos trabalhos Celso entregou todos, menos o meu. Solicitou que eu o aguardasse no fim da aula para conversarmos. Aula finda, iniciamos nossa conversa, Celso com meu trabalho em suas mãos. O professor havia lido com muita parcimônia e cuidado o texto do estudante. Comentava minhas afirmativas, as críticas ao behaviorismo e as minhas inquietações e questões. Como resultado de nossa conversa fui convidado para trabalhar em seu projeto de pesquisa que desembarcou em sua tese de doutoramento. Nunca mais, durante todo o tempo de sua vida, nos afastamos e desenvolvi um especial afeto por Celso, assemelhado e igual ao filial. A partir de então, em todos os eventos acadêmicos e pessoais que vivemos estávamos juntos. Agregaram-se ao projeto outros estudantes: Marisa Viale, Edson, Jussara e Renato Möller.

Celso não se conformava com a atribuição de direita conferida ao behaviorismo radical e, inquieto, queria estudar, pesquisar e demonstrar que esta orientação teórica poderia ser produtiva para a democracia e também para os movimentos sociais de contestação política. Esta foi sua tese de doutoramento, com o desenvolvimento de uma “cartilha” para a formação de “consciência”, uma heresia em behaviorismo, que evitasse o autoritarismo político e a dominação. Foram entrevistadas as grandes lideranças de movimentos sociais daquela época. Em sua defesa de doutorado, de aproximadamente 5 horas, Celso foi inquirido com muito rigor. Considero ainda hoje, mesmo contra sua opinião, que suas respostas foram coerentes e brilhantes.

Antes da metade dos oitenta Celso havia lido o texto de Moscovici publicado no Brasil pela Zahar e resolvemos constituir um grupo de estudos em Representações Sociais, no IUPERJ onde era professor. O grupo se reunia às quartas por um motivo Celsiano; era o dia em que um botequim português, que não mais existe na Rua Farani, oferecia como seu prato principal um arroz com lulas. Saíamos do grupo, depois de 3 horas de estudo e íamos ao botequim onde passávamos a tarde. Renato cunhou o nosso grupo de CERSO (Centro de Estudos em Representações Sociais) que prontamente Celso acatou, passou a utilizar como sigla nos textos e nas traduções que fazia de uma bibliografia indisponível em língua portuguesa. O professor, intelectual erudito e rigoroso, possuía um humor singular e sofisticado.

Depois de alguns anos de estudo iniciamos nossa atividade empírica e Celso convidou Denise Jodelet e depois Moscovici para nos proporcionar um curso sobre Representações Sociais. Com Denise, além da parte teórica debatemos nossas pesquisas empíricas. Levamos Denise à periferia do Rio, em São João de Meriti com o prof. Luiz Fernando Tura; eu havia recebido um prêmio da OAB sobre moral, direito e modernidade e realizava uma pesquisa com prostitutas de baixo meretrício e Denise as conheceu: visitamos o Santa Marta, a Universidade, a zona sul do Rio, Cabo Frio e Saquarema e não me recordo mais de todos os lugares. Denise nos conheceu, o Rio de Janeiro e o Brasil, com suas contradições e desigualdades. Nossa amizade com Denise fez com que Celso, em um de seus últimos atos por conta do aniversário dela, promovesse na Fiorentina um autógrafo de Denise em suas

paredes, evento destinado aos artistas, músicos e intelectuais brasileiros, conferindo a Denise o verdadeiro título de cidadã carioca como assim falou em sua saudação à professora.

Em alguns anos Celso Pereira de Sá é uma das principais referências da teoria de representações sociais no Brasil e fora dele. Moscovici e Denise o convidam para ministrar aulas na École em Paris e Celso produz textos de referência para a área. Relaciona-se com Abric e traz para o Brasil as abordagens do núcleo central, tema de sua tese de titularidade. Escreve o texto sobre a construção do objeto em representações sociais e publica pela Eduerj uma coletânea de vários de seus artigos produzidos durante sua vida acadêmica.

O professor comprometeu-se com a sua Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Não se omitiu diante do imperativo de responder às demandas de um País que precisava de seus melhores quadros, para retornar ao caminho democrático. É fundador da associação de docentes na Associação Brasileira de Imprensa, foi o primeiro diretor eleito em toda a Uerj para o Instituto de Psicologia e Comunicação Social (IPCS), foi eleito Diretor do Centro de Educação e Humanidades, foi eleito Vice-Reitor da UERJ. Fundou o programa de pós-graduação *stricto sensu* da psicologia, reformulou o Programa da Faculdade de Educação que estava para ser descredenciado na época, foi editor de revistas acadêmicas, de conselhos editoriais, de corpo deliberativo de sociedades científicas, presidiu congressos e seminários, foi conferencista em vários países e publicou textos de referência.

Nos últimos anos sua inquietude intelectual o levou a estudar memória social e, como nas representações sociais, seus textos iniciais transformam-se em referência para a psicologia social brasileira. Várias pesquisas empíricas foram realizadas sobre a memória do regime militar entre jovens, do período Vargas, dos anos dourados (JK) e outras tantas mais. Seu trabalho foi conjugado com os professores e intelectuais do grupo Identidade, memória e representações sociais da Anpepp.

Um dia Celso adoece, sua companheira na vida e em atividades acadêmicas, Denize Cristina de Oliveira, lhe confere cuidados e apoio imensuráveis. Seus próximos, que tinham desenvolvido uma ilusão de que ele era um “highlander” creem que Celso não sucumbirá à doença. Não foi possível, a vida é assim...

Há, como diz Brecht, os imprescindíveis. Há, como diz Dostoiévsky, aqueles que não têm a vida como uma tarefa, “quase como um emprego” e que não a vivem. Há alguns que fazem falta a mais gente e especialmente não podem ser esquecidos.

Há Celso Pereira de Sá.

Apresentação: 08/07/2016
Aprovação: 15/07/2016